

## A selva de caminhos que se bifurcam

### *Reflexão sobre o intelectual hoje*

Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** Refletir sobre os intelectuais, hoje, não deverá ser mais um exercício de jogo de espelhos, multiplicando citações e opiniões, avolumando bibliografia que consabidamente cada vez menos pessoas leem. Voltamos a este tema clássico não na serenidade de um jardim filosófico, nem sequer na responsabilizante ágora em que os cidadãos se reúnem e decidem, mas na floresta. Uma floresta desde logo “de enganos”, sem dúvida de betão e aço, cimento e outros materiais duros e padronizados, em que já não se habita a Pólis, e a cidade não tem mais muralhas que a defendam: em que ondas de anomia ameaçam as Leis e a Constituição. Por um lado, sintomas de anomia; por outro, ameaças de revanchismo por fantasmas que não morreram, apenas se encontraram (e nem por tanto tempo) adormecidos. A questão que aos intelectuais se coloca (antes mesmo que aos demais, que se supõe que os deveriam seguir – mas quem no-lo garante?) pode retirar-se de um clássico livro de V. I. Ulianov: *Que faire?* Que fazer? E é aí que encontramos dois caminhos, como sempre, não contraditórios, mas confluentes. Cada um faça o seu dever, escolha o seu caminho – tome a sua “cruz” – e siga.

**Palavras Chave:** Intelectual – Sociedade hodierna – Autor – Escritor – Anomia – Populismo – Totalitarismos – Politicamente correto.

**Abstract:** Reflecting on intellectuals today should no longer be an exercise in playing mirrors, multiplying citations and opinions, accumulating bibliography that fewer and fewer people read. We return to this classic theme not in the serenity of a philosophical garden, not even in the responsible *Agora*, where citizens gather and decide, but in the forest. A forest “of mistakes”, undoubtedly made of concrete and steel, cement and other hard and standardized materials, where the Polis is no longer inhabited, and the City no longer has walls to defend it: where waves of anomie threaten the Laws and the Constitution. On the one hand, symptoms of anomie; on the other, threats of revanchism by ghosts who didn't die, just found themselves (and not for so long) asleep. The question posed to intellectuals (even before others, who are supposed to follow them – but who can guarantee that?) can be taken from a classic book by V. I. Ulianov: *Que faire?* What to do? And that's where we find two paths, as always, not contradictory, but confluent. Each one do his duty, choose his path – take up his/her “cross” – and move forward.

**Keywords:** Intellectual – Modern Society – Author – Writer – Anomia – Populism – Totalitarianisms – Politically correct.

*“Depois reflecti que todas as coisas nos acontecem precisamente, precisamente agora. Séculos e séculos, e só no presente ocorrem os factos; inumeráveis homens no ar, na terra e no mar, e tudo o que realmente sucede, sucede-me a mim...”*

Jorge Luis Borges<sup>2</sup>

### *I. Imagem dos Intelectuais*

Porquê e para quê falar dos Intelectuais? Não haverá coisas mais importantes a fazer? Para um grande número de pessoas, os intelectuais seriam indivíduos *snobs* (ainda que, por vezes, de um snobismo pretensamente desafetado – como a falsa modéstia o é também), em geral desocupados, ou ocupados em tarefas abstrusas – o que equivale ao mesmo.

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Universidade do Porto (funções suspensas para exercício da magistratura).

<sup>2</sup> BORGES, Jorge Luis — *O Jardim de Caminhos que se bifurcam*, in *Ficções*, trad. port. de Carlos Nejas, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 96.

Alguns chegarão mesmo a comparar a sua vida com a deles, concluindo que, enquanto há quem trabalhe, sofra, pene, e ganhe pouco, os intelectuais teriam, no máximo, tarefas muito leves, por si escolhidas e por si decididas e comandadas. E, além do mais, sem chefes, sem patrões, sem metas de produtividade, sem avaliação do desempenho, sem as corveias, as inspeções e as pressões – e até os assédios – que hoje preenchem o imaginário e muita realidade do normal salariado, na sua versão mais negativa. Evidentemente, nem sempre será assim porque, como veremos, acabarão por entrar na mais lata categorização de “intelectual” um conjunto de pessoas assalariadas ou que, de algum modo, dependem de outrem.

Quanto aos rendimentos dos intelectuais, cremos haver talvez votos desencontrados: uns acharão que todos, dessa atividade mais ou menos “ociosa”, tirariam grandes proventos, enquanto outros pensarão que, como ocorre em muitos ofícios, haverá de tudo: desde quem atinja riqueza até quem se abeira da miséria, com vários graus intermédios. Estes últimos estão, evidentemente, mais próximos da realidade das coisas.

No que respeita à importância do papel desempenhado por estes cidadãos, ela é não apenas minimizada. É profundamente incompreendida, e por vezes mesmo caluniada. E o curioso é que há pessoas com responsabilidades (não apenas políticas, como – sobretudo – intelectuais, precisamente, *v.g.*, pela sua formação universitária: mas de que vale isso hoje para as grandes massas que, insensivelmente, entram e saem diplomadas dos antigos templos do saber?) que aparentemente gostariam de atirar todos os intelectuais aos tubarões, ou aos leões. Estamos persuadido de que se trata, sobretudo, ou de um posicionamento ideológico, considerando que tudo o que é cultura (e até simplesmente educação) é um dispêndio e que o Estado deveria ser pouco mais que polícia e forças armadas (e eventualmente parcialmente privatizadas?), esgrimindo-se que esses “parasitas” seriam pagos com os proverbiais “nossos impostos”, sem produzir qualquer benefício. Mas também há a possibilidade de, num ou noutro caso, se estar perante uma simples *revanche*, de quem teria gostado de ser considerado grande intelectual e viu essa pretensão frustrada. Decerto, as mais das vezes, simplesmente porque a pessoa era medíocre ou, numas poucas, porque a *Fortuna* é caprichosa, e nem sempre bafeja os eleitos com justiça.

Se estas asserções forem pelo menos aproximadamente verdadeiras (o que cremos), daqui decorrerá que a sorte desse grupo heteróclito e inorgânico de pessoas a que se chama normalmente “intelectuais” não será do interesse e da simpatia das massas.

## II. *Intelectuais, Não Intelectuais e Sociedade*

Entre os “não intelectuais”, é já uma raridade (e deve considerar-se como uma distinção) ver quem admire a intelectualidade. Cremos que antigamente havia mais essa atitude, embora nem sempre pelas boas razões (poderia ser servilismo, obscurantismo até).

Os tempos atuais sentem os ventos de insatisfação profunda generalizada, culpabilização de tudo o que pareça identificável com elites (aliás, em alguns casos há uma perversa tendência, já denunciada por alguns) para dizer elite para o que se deveria designar por uma qualquer modalidade de oligarquia (timocracia, plutocracia, cleptocracia, gerontocracia, etc.).

Algumas forças políticas e um muito alargado “consenso” não explícito, mas patente, de vasta comunicação social (dir-se-ia que mesmo insensivelmente) contribui

para atirar achas para a fogueira do ódio, da inveja, da culpabilização sistemática das instituições e dos titulares de órgãos, de soberania ou mesmo de gestão. Como que em música de fundo, parece que usar gravata, possuir uma licenciatura (e, portanto, ser tratado pelo execrado – mas apesar de tudo ainda muito cobiçado – título informal de “Dr.”), desempenhar um cargo qualquer de camisa lavada (com os seus equivalentes femininos) é meio caminho andado para se ter uma presunção de culpabilidade qualquer, ainda que meramente ideológica ou moral.

Se juntarmos a este pré-juízo (muito pouco observado) os preconceitos mais correntes, mas crescentes, e também alimentados por alguns (racismo, xenofobia, homofobia, sexismo, e em geral os que estão desenhados no n.º 2 do artigo 13.º da nossa Constituição, para os proscriver, é claro) veremos que a sociedade se encontra doente de *deficit* de solidariedade, de fraternidade, mesmo de igualdade, e eventualmente, por este caminho, de liberdade também...

O que está na raiz das ideias que se fazem sobre a intelectualidade é evidentemente o nível cultural da sociedade. E este depende, em larga medida, como sempre dizemos, do que seja inculcado desde cedo pela família, pela comunicação social e pela escola. Se as três não tiverem uma política ativa de cultivo da mente e do espírito, e, pelo contrário, se bastarem com o laxismo, o conformismo e enlatados de entretenimento, se não promoverem o progresso interior das pessoas, nem é preciso que explicitamente o contrariem. Ficará a sociedade sempre subalimentada nestes domínios, e, portanto, superficial, materialista, imediatista, consumista e passiva.

### III. “O que queres ser quando fores grande?”

Mas voltando aos intelectuais: em suma, não se sabe muito bem o que são, o que fazem, o que com isso lucram e para que servem. Em geral, as crianças não dizem que querem ser intelectuais quando forem grandes. Uma anedota até já coloca uma criança a dizer que quer ser criminosa ou corrupta, ao que o pai, placidamente afundado numa poltrona a ler o jornal, replica, com naturalidade: “no setor público ou privado?”

É evidente que as doutrinas vigentes na Educação se chocarão com a simples hipótese de haver alguma criança ou adolescente que tivesse a louca ideia de querer vir a ser intelectual. O projeto que tem sido seguido em muitos países, latamente após a II Guerra Mundial, tem sido o de uma “deseducação obrigatória”, em que se apresentam estatísticas “para Inglês ver”, com muita escolarização, muitos graus e títulos alcançados, mas efetivamente com uma descida profundíssima muito alarmante do nível. Começa a ser uma coisa tão gritante que apenas um fundamentalismo muito otimista e situacionista o nega – e sabemos que o nega veementemente. Mas os professores são os primeiros a saber o que se passa e a sua vida terrível, burocrática, socialmente desconsiderada, perigosa mesmo para a sua honra e integridade física, no limite. E como os imensos trabalhos que os sobrecarregam nada contribuem para que a preparação dos alunos melhore, pelo contrário. Ora, tal não é apenas decorrente das consequências necessárias derivadas da massificação; é sobretudo fruto de um modelo de escola ao mesmo tempo hiperburocrático e híper laxista. Mistura perigosa de água e fogo, donde sai muito fumo.

Evidentemente que essa ideia de um/a jovem olhar as estrelas<sup>3</sup> e formular o desejo de vir a ser nada mais nada menos que intelectual é um anacronismo, e um

---

<sup>3</sup> Cf. o nosso *When you wish upon a Star*, in *Série Coepta*, n.º 9-10 é ed. especial da “Revista Internacional d’Humanitats”, vol. 57-58, jan-ago 2023, CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

propositado exagero e até provocação. Contudo, conhecemos algumas pessoas que, quando jovens, sonharam com coisas que se podem traduzir por essa vocação. Hoje, os modelos que seduzem os jovens nada têm a ver com estudo, reflexão e intervenção ao menos cívica. Porque a noção mesma de intelectual passa por essa tríplice dimensão: aprender conhecimentos e informações, avaliá-los crítica e criativamente, e ser capaz de uma ação social, na ágora, quer no plano simplesmente cultural, como até social e político.

Com o descrédito, que se vai cada vez mais procurando induzir, de instituições, de políticos, com o alheamento face às figuras do pensamento e do estudo, e mesmo alguma crítica e calúnia sobre a sua ociosidade e afins (como se disse) e, pelo contrário, o embandeirar em arco mediático com a *petite histoire* mais ínfima de estrelas do espetáculo, da moda, do desporto e afins, ao que pode aspirar uma criança ou um jovem? De qualquer modo, em termos chãos, o certo é que muitas dessas estrelas, pelo menos, trabalham muito... Pena é que haja uma seleção muito particular de quais são os tipos de desporto, ou de música, etc., que merecem loas e louros. Nem sempre o que é mais profundo ou mais difícil, mas o mais popular. E depois é o círculo vicioso.

As crianças ainda podem querer ser bombeiros e bombeiras, ou coisas afins, com evidente utilidade social sem mácula. Mas os jovens, que heróis os podem entusiasmar? Não é um pequeno problema, esse. Até tem uma componente civilizacional.

#### IV. *Intelectuais e seus Afins*

E, porém, cremos que os intelectuais são importantíssimos, mais ainda em tempos de profunda crise como o nosso. Poderia procurar traçar-se uma sua genealogia. Hanna Arendt esboçou-o em alguma medida<sup>4</sup>. Sem pretensões eruditas, é óbvio que os seus imediatos antepassados terão um ponto alto nos *Philosophes* iluministas e, já antes deles (mas também depois), nos “hommes de lettres”. Ainda hoje, em vez de “intelectual” (como em parte veremos, até) pode usar-se por vezes a expressão “escritores”, críticos, comentadores, colonistas, ou, mais modernamente, talvez, “produtores de conteúdos culturais”, etc.

Recordemos mais alguns pontos para uma futura “História dos Intelectuais”: Julien Benda, figurará à partida, certamente, com o seu impressionante título *La trahison des clercs*<sup>5</sup>. Roland Barthes, nas suas *Mitologias*<sup>6</sup>, recorta a figura do “escriba” (em sentido já alegórico) como escrevente, não verdadeiramente como escritor, nem como intelectual: uma pena que se aluga, direta ou indireta ou mediatamente, vivendo por vezes na simples mira da vaidade de uma reputação, uma tença, um lugar, que podem até nem sequer nunca vir a obter, tantos são os candidatos (e eventualmente a sua mediocridade, se o valor contar ainda para alguma coisa, no caso)...

Não esqueçamos a mobilização ideológica dos intelectuais, que está sempre latente, e que imediatamente nos faz vir à lembrança a expressão e o conceito de “intelectual orgânico”, como é sabido cunhado pelo intelectual comunista italiano

---

/ Colégio Luterano São Paulo; vídeo online: <https://www.julioverne.com.br/when-you-wish-upon-a-star/> (recentemente consultado em 17 de julho de 2023).

<sup>4</sup> ARENDT, Hannah — *Introduction a "Illuminations"*, de Walter Benjamin, Londres, Harper Collins, 1992 (trad. ingl. de *Schriften*, Francoforte-sobre-o-Meno, Suhrkamp, 1955).

<sup>5</sup> BENDA, Julien — *La trahison des clercs*, Paris, Grasset, 1927.

<sup>6</sup> BARTHES, Roland — *Mythologies*, Paris, Seuil, 1957, ed. port., *Mitologias*, trad. de José Augusto Seabra, Lisboa, Edições 70, 1978.

Antonio Gramsci. Ainda em Itália, já em 1925, Giovanni Gentile publicara o *Manifesto dos Intelectuais Fascistas*, que motivou a Benedetto Croce uma réplica, saída a lume no 1º de Maio do mesmo ano: o *Manifesto dos Intelectuais Antifascistas*. O livro de Benda é de dois anos depois... Alain Caillé glosa o título de Benda em *A Demissão dos Clercs* (editado em 1993), começando por proclamar que os intelectuais “desistiram em massa de pensar o seu tempo”. Também sairá a reflexão de Norberto Bobbio *A Dúvida e a Escolha. Intelectuais e Poder na Sociedade Contemporânea*. E não esqueçamos mais recentemente, por exemplo, *O Intelectual* (2005), de Steve Fuller.

Há uma diferença, contudo, entre o intelectual que recusa pensar e o que recusa agir. Pensando ou agindo, parece ter razão Michel Foucault: mudar alguma coisa no espírito das pessoas, tal é o verdadeiro papel do intelectual (*Dits et Ecrits*, 1994). Espera-se que contribua para que se mude para melhor... Não basta agitar as águas e as consciências... Porquanto alguns, funâmbulos, por aqui e por ali desinquietam os pacatos cidadãos, ora lhes mostrando esta, ora aquela “verdade”, de que depois até eventualmente se arrependem... Laurent Bouvet agudamente assinalou: “entre a injunção popular e a tentação populista, o caminho democrático é estreito, porque o povo da democracia é o mesmo que o do populismo (...)”<sup>7</sup>. É assim delicado agitar o Povo, correndo-se riscos...

Entretanto, Habermas advertira para a ilusão do cientismo nas ciências sociais necessariamente empobrecendo, porque confundindo, quer ciências “moles” quer até as duras (concluímos nós). Falando da compilação de textos que Jorge Luis Borges intitulou *El Hacedor*, Nuccio Ordine, num livro justamente aplaudido no canónico *Times Literary Supplement* pelo próprio George Steiner, explica bem esta questão, que está na ordem do dia, e muito confundida: “El sentido del genial relato de Borges está, en parte, implícito en el título: *Del rigor en la ciencia*. Pretender la perfección absoluta mata la investigación. Si el mapa coincide con el Imperio, la ciencia de la Cartografía muere (...)”<sup>8</sup>.

Ernst Gombrich chama a atenção, logo no início da sua monumental *História da Arte*<sup>9</sup> para o risco de um meio-saber sobre arte, que é a fonte do snobismo nessa área, coisa detestável e que se deteta à léngua... Aliás, “meio-saber”, ou saber muito truncado, decerto menos que meio, é o mais que muitos estudos podem propiciar hoje, desarticulados, sem rigor, sem esteios sólidos de cultura prévia. É espantoso como se podem detetar tão facilmente os pés de barro de tantos que se julgam muito graduados, sábios, letrados... intelectuais. Não é fácil contornar as mil e uma (involuntárias, mas reais) armadilhas que deixam transparecer a falta de cultura, em geral. Gombrich lembrou a divertida passagem de um romance de Agatha Christie, *Lord Edgware Dies*. Aí, uma pessoa inculta trai-se ao confundir o mítico Julgamento de Paris (filho de Príamo, rei de Troia) com o *veredito da moda* da cidade de Paris. Como se sabe, ambos se dizem, em inglês, “the judgment of Paris”. Eis a deliciosa passagem: “Somebody – I forgot who – had uttered the phrase ‘judgement of Paris’, and straight away Jane’s delightful voice was uplifted. ‘Paris?’ she said. ‘Why, Paris doesn’t cut any ice nowadays. It’s London and New York that count.’”.

---

<sup>7</sup> BOUVET, Laurent in *Magazine Littéraire*, maio de 2012, p. 15.

<sup>8</sup> ORDINE, Nuccio — *Classici per la vita*, trad. cast. de Jordi Bayod, Clásicos para la vida. Um pequena biblioteca ideal, Barcelona, Acantilado, 2017, p. 77.

<sup>9</sup> GOMBRICH, E. H. — *The Story of Art*, 9.<sup>a</sup> ed., Londres, Phaidon, 1995, trad. fr. de J. Combe e C. Lauriol, *Histoire de L’Art*, nova ed. revista e aumentada, Paris, Gallimard, 1997.

Voltemos aos escritores (ou aos “autores”, para recordar um fundamental texto de Foucault<sup>10</sup>). Em rigor, nem sequer todos os escritores serão intelectuais esclarecidos e interventivos. Há livros que se leem (sobretudo maus livros, mas muito consumidos) e que não contribuem para rasgar horizontes, pelo contrário, apenas para reiterar as certezas familiares e as pequeninas e medíocres (e tantas vezes distorcidas) ambições e aspirações de pessoas que, realmente, podem querer até fazer cursos e subir na vida assim, mas não têm qualquer paixão pelo pensar, pelo conversar de forma significativa (não simplesmente tagarela – o “jogar conversa fora”, como se diz no Brasil). Há escritores que se limitam a chover no molhado de sentimentos e pequenos esquemas mentais consabidos, servidos por tramas que, aí sim, tememos poderão ser rapidamente superadas pela Inteligência Artificial, já que a natural, nessa clave, é muito parca.

Houve antes deles pessoas que fizeram ofícios intelectuais, mas só estes se começaram decididamente a libertar do peso dos mecenas... Mas se olharmos bem as funções dos intelectuais, não podemos deixar de encontrar algum paralelo da sua função proclamatória de alertas, com a de pelo menos alguns profetas. O intelectual não é um adivinho, mas pode prever (como falibilidade evidente, mas se for arguto com plausibilidade), porque sabe ler os sinais, não nas entranhas dos pássaros, ou nas borras de café, mas nos factos sociais que diante de si se desenrolam.

É preciso ler *cum grano salis*. Não se está a elogiar os intelectuais por serem videntes. Mas porque não são resignados cegos, sofrendo o eterno presente, sem olhar para o passado para perscrutar o futuro e esclarecer o tempo de hoje.

E mesmo que não se sintam capazes de aventar hipóteses de desenlaces nos tempos a vir, pelo menos não se quedam comodamente, esperando vir a ser arrastados pelos acontecimentos: ainda que a sua intervenção possa ser mínima, não renunciam a tentar entender o que se passa. E, melhor ainda, a tentar influenciar o curso das coisas – se para tal tiverem meios e se encontrarem estrategicamente colocados.

Os intelectuais são, pelo menos, uma reserva de pensamento, uma retaguarda de reflexão, e deveriam a tal aliar ainda uma autoridade moral para julgar e indicar caminhos, melhores caminhos. Mas pode, e tem havido, evidentemente, também intelectuais amorais e mesmo imorais... Conforme a moral que se professe, o que não é nunca consensual, embora nalgumas sociedades o pareça mais que noutras.

Ante o obscurantismo e o dogmatismo, de um lado, e o utilitarismo argentarista, do outro, embora confluentes na reprovação ou desdém pelos intelectuais, jamais conseguiremos fazer sobressair como positivo o seu papel. São grupos insuscetíveis de conversão, em muitas matérias, e muito relevantemente nestas.

### V. Sinais dos Tempos

Não desejamos, portanto, persuadir os convencidos. E muito menos polemizar. A polémica, hoje em dia, perdeu todo o interesse de dialética, para ser justaposição de monólogos, não apenas com um nível intelectual que tende a baixar (como, no contexto geral da conversa, bem observou Adorno<sup>11</sup>), como não raro com

---

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel — *Qu'est-ce qu'un auteur?*, 1969, in *Œuvres*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2015, vol. II, p. 1258 ss..

<sup>11</sup> ADORNO, Th. W. — *Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschaedigten Leben*, Berlim / Francoforte, Suhrkamp, ed. 2001 (1.ª ed. 1951), aforismo 118 (p. 188): “Até na mais reduzida comunidade, o nível obedece ao do mais subalterno dos seus membros. Assim, quem na conversação fala de coisas fora do alcance de um só que seja comete uma falta de tacto. O diálogo limita- se, por motivos

resvalar para formas mais desagradáveis de afirmação dos “egos”, frequentemente feridos e em guerra quando se trata de manifestação de opiniões.

De tal forma o nível está a baixar que se nota já uma naturalização ou branqueamento do próprio *Kitsch*<sup>12</sup>, que era antes um sinal certo e seguro de má qualidade intelectual, estética, etc. Por um lado, a pressão do gosto ou do querer parecer dos novos-ricos, que perderam a intenção de se polir (restando apenas avidez de títulos, frequências sociais, e alguma apropriação académica postíça e eventualmente casamentos ascendentes ainda), e, por outro, o fim de qualquer preconceito, tibieza, falta de à vontade, ou “respeito humano” por parte de largas massas que impõem os seus usos, no falar, no comportar-se, no vestir, no calçar, no estar à mesa, de forma tão avassaladora e pretensamente “natural” que ditam a norma, doravante, confluem numa mudança profunda das regras e do gosto. Os raros que ainda se lembram quais eram as regras de comportamento, as modas do *decorum* (entre o burguês e o aristocrático, mas incluindo, de forma interessantíssima, mesmo o “revolucionário”, o vanguardista, etc., tanto na arte como na política), a panóplia de opções de comportamento consoante as circunstâncias, e que ainda se recordam de como eram, em geral, os padrões do gosto, naturalissimamente se acanham e se calam. Há medo de contrariar a massa e o dinheiro, que uma e outro são poder, ou se traduzem em poder, e este se pode atualizar em constrangimento e prejuízo para quem o não siga ou pelo menos respeite.

Será decerto irreprimível a deteção de um ar de família entre o *Kitsch* e o *fake*<sup>13</sup>. O falso, o falseado, desde logo com as mentiras das *fake news*, mas também com novas metanarrativas de mentira, nomeadamente anticientífica, como as da terra plana, como que ocupam o espaço, não totalmente vazio, mas comprimido e tímido das antigas metanarrativas que o pós-modernismo triunfante, na sua fase inicial<sup>14</sup>, proclamou mortas. Uma sociedade de *Kitsch* e de *fake* é um pântano em que é difícil vir à tona o pensamento, a sensibilidade, a própria verdade (não vista de forma profundamente especulativa – e dubitativa, ao ponto de chegar a ser paralisante – como simples correspondência ou “adequação do intelecto às coisas”). O que parece ainda valer é que haverá, decerto, uma espécie de resistência passiva de uma “maioria silenciosa”, que vive como sempre viveu, e não tem sido extraordinariamente afetada pelas mais agressivas modas... Não é a elas imune, mas não as absorve com devoção...

Como pano de fundo, a própria sociedade da pressa, e o peso acabrunhador do trabalho em geral, afasta as pessoas que poderiam refletir e estudar, muitas vezes contra a sua própria vontade. Não se trata, pois, somente, de uma geral lassidão, induzida pela falta de estímulos intelectuais e espirituais da formação geral dos cidadãos, que encontra numa escola em geral passiva e não seletiva (e que dessa qualidade perdeu mesmo a autoconsciência). É também a situação de quem é sistematicamente distraído do pensar filosófico, por exemplo, por ter muito que fazer, até intelectual... Em entrevista diz Alain Aspect, por exemplo: “La philosophie, je n’ai rien contre, mais c’est juste que je n’ai pas le temps. Mon esprit n’est pas assez rapide

---

de humanidade, ao mais chão, ao mais monótono e banal, quando na presença de um só ‘inumano’. (...) A conjura pelo positivo actua como uma força gravitatória, que tudo atrai para baixo.”

<sup>12</sup> Cf., v.g., LIPOVETSKY, Gilles / SERROY, Jean — *Le nouvel âge du kitsch: Essai sur la civilisation du “trop”*, Paris, Gallimard, 2023.

<sup>13</sup> Cf., por todos, ECO, Umberto — *Reconnaître le faux. Dire le faux, mentir, falsifier*, trad. fr. de Myriem Bouzaher, nova ed., Paris, Grasset, 2022. Uma modalidade particularmente cultivada nos nossos dias do *fake* é a teoria da conspiração, o complotismo. Cf., v.g., REICHSTADT, Rudy — *Au Coeur du complot*, Paris, Grasset, 2023.

<sup>14</sup> A partir de LYOTARD, Jean-François — *A Condição Pós-Moderna*, trad. port. de José Navarro, revista e apresentada por José Bragança de Miranda, 2.ª ed., Lisboa, Gradiva, 1989, e cremos que também o treslendo um pouco. Mais tarde, Lyotard viria a fazer importantes matizes...

pour pouvoir faire tout que j’aimerais faire!”<sup>15</sup>. Quantos não poderiam dizer algo de semelhante! Não se pode, contudo, deixar de observar que para alguns produtos que passam como sendo filosofia não pode haver realmente muita paciência, e o tempo escasseia. Obviamente, Chesterton não era um filósofo (mas era um intelectual), e observara já no seu tempo à sua maneira muito própria, que, com o crepúsculo dos deuses e a ascensão dos gladiadores (ou seja, do Circo, traduzimos nós), entramos em decadência, certamente. E “Philosophy began to be a joke; it also began to be a bore”<sup>16</sup>. Alguma, sem dúvida. Mas não há coragem para o dizer. O *decorum* não permite dizê-lo senão a pessoas como Chesterton, que hoje são raridade das raridades – e falam de fora da Filosofia, o que, segundo uma tese por exemplo de Heidegger, as excluiria do debate, porque filósofos só discutem com filósofos (“*Evidentemente que só entabulamos uma conversa com os filósofos*”). Mais uma vez, o que dizemos se pode prestar a muitos mal-entendidos para a hermenêutica rasteira e malevolente de hoje. Não se critica a grande empresa da Humanidade a que chamamos Filosofia. Cremos que nela, como na “Casa do Pai”, há várias *Moradas*<sup>17</sup>, mas umas mais fascinantes que outras (e, tal como no mundo puro e simples da intelectualidade, coisas que o serão e coisas que apenas o parecerão ou afetarão ser)<sup>18</sup>.

Mas o curioso a observar é que, ao mesmo tempo que as pessoas se escravizam numa azáfama demencial quotidiana, e não têm tempo para o que mais interessa (nem ao nível da mente, nem dos espíritos, nem da convivência, da família, dos afetos, de si próprios), o modelo social vigente é o da pessoa dinâmica e informadíssima, ou seja, recetora omnívora da propaganda e da poluição informativa e pseudo formativa exponencialmente produzida. Já Oscar Wilde (e ao tempo que isso vai e como tudo se foi aprofundando ainda) dizia que “o homem perfeitamente bem informado, é esse o ideal moderno. E a mente do homem perfeitamente bem informado é uma coisa medonha”<sup>19</sup>.

## VI. Da Condição Intelectual

Bertrand Russell pôs sobretudo em destaque as condicionantes económicas e de pressão dos donos dos *media* na vida dos intelectuais: “Uma das causas da infelicidade dos intelectuais nos nossos dias é o facto de muitos deles, especialmente os escritores, não terem oportunidade de exercer livremente os seus talentos, e serem obrigados a pôr-se ao serviço de ricas corporações, dirigidas por filisteus, que os obrigam a escrever o que eles muitas vezes consideram disparates perniciosos”<sup>20</sup>.

Mas podemos ir mais longe, considerando outros vetores ainda. A condição dos intelectuais, no plano da sua consideração pública, ressentem-se, finalmente, por uma nociva interação, ainda que só de alguns ecos, do facto de que, decerto, uma boa parte dos que são o seu público os não compreende, nem verdadeiramente os aprecia de forma genuína, mas somente os louva e propaga como modas, e aí sim, forma de snobismo. O intelectual em si é aprisionado numa rede invisível de fingimento, pretexto de promoção social-cultural de quem o toma por produto, e apropria símbolo

<sup>15</sup> ASPECT, Alain, entrevista a “Philosophie Magazine”, junho de 2023, p. 66.

<sup>16</sup> CHESTERTON — *The Everlasting Man*, 1925, Moncreiff Press, 2023, p. 133.

<sup>17</sup> ÁVILA, Santa Teresa de — *Moradas*, trad., introd. e notas de Manuel de Lucena, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.

<sup>18</sup> Um panorama da filosofia atual, com a vantagem de ser originalmente escrito em português, é a obra de MIGUENS, Sofia — *A Filosofia Contemporânea. Figuras e Movimentos*, Coimbra, Edições 70, 2023.

<sup>19</sup> WILDE, Oscar — *Pensamentos*, trad. port., Lisboa, Relógio D’Água, 2011, p. 110.

<sup>20</sup> RUSSELL, Bertrand — *A Conquista da Felicidade*, 8ª ed. port., trad. de José António Machado, Lisboa, Guimarães Editores, 1997, pp. 194-195.



de *status*. E então é que se consegue compreender a atitude, por vezes desabrida, e incompreendida pelos observadores mais ingênuos, de alguns criadores, sobretudo, que repelem os fãs, que os tratam com distanciamento, e por vezes como se eles tivessem alguma doença contagiosa. É que certamente se apercebem que estão a deixar-se enleiar por uma máquina de falsos apreciadores, em que, por vezes, além da vaidade destes, ainda conta, e não pouco, o interesse do lucro dos intermediários. E reagem, por momentos e pontualmente, como que em choque face a louvaminhas, untuosidades, sobretudo de pessoas que claramente trazem espelhada no rosto a ignorância, a incompreensão, e a mera preocupação de investimento “social”.

Ante alheamento de uns, inveja ressentida de outros, ideologia fanática de outros ainda, e tentativa de manipulação *pro domo* de outros, como uma espécie de decoração “nobilitadora”, a condição do intelectual – não falando concretamente de como conseguem “ganhar a vida” a maioria deles – é realmente um desafio, e talvez essa seja (ainda assim cremos que subconscientemente) a razão por tão pouco realmente perseguirem essa “vocação” ou a sentirem sequer.

Note-se, porém, que, pelo menos em horas vagas, há sempre algumas pessoas que, em geral partilhando da mentalidade do fã fascinado e interesseiro, procuram dar o salto do espetador para a ribalta da produção intelectual. Aqui entra a questão da qualidade, naturalmente.

Das duas, uma. Ou indiferentemente consideramos como sendo intelectuais todos os que manifestam atividades do tipo intelectual, independentemente da sua qualidade (que pode ser altíssima ou bem rasteira – e agora muito com a ajuda de Inteligência Artificial, nem se imagina até onde se poderá passar a mistificar autorias), ou então, exigimos para usar esse carimbo uma certa fasquia.

Esta questão merece uma resposta não taxativa, mas de algum modo flutuante. Não há dúvida de que é repugnante ver a distorção mental de tantos comentadores e articulistas, e alguns ensaístas, palestrantes, e académicos, em geral sem nenhuma cultura ou um verniz muito fino e recente de adquiridos de moda, do que resulta nenhuma resistência a ventos da hora.

Sem arcaboço de conhecimento das raízes, são incapazes de ganhar asas, e sequer de se firmar numa cultura e numa civilização. Frequentemente, claudicam frente à facilidade. Cultivam muito o que cuidam ser “impactante”, quando não o grosseiro e o calunioso, sendo já uma felicidade e um *upgrade* consideráveis se vão pela clave do humor mais ou menos livre de grosserias. Estão completamente prisioneiros da agenda política politicamente correta do momento (ou de uma reação boçal e por vezes trauliteira e até pior a essa agenda), ou sem graça, engenho e arte procuram refugiar-se num bucolismo de quotidiano ou sensibilidade que, contudo, é de uma dificuldade enorme, e só consegue ser de forma feliz cultivada por quem possua, precisamente um lastro de que essas pequenas coisas (*poikilia*, diriam os helénicos) não são ninharias, mas depuradas exalações. Mais frequentemente, enleiam-se em temas políticos do momento, de forma muito sectária, para dizer o que os políticos já dizem, embora com a pretensão de estarem a desvendar os mistérios de Polichinelo que lhes presidiriam.

Poder-se-ia ir mais longe na análise dos procedimentos e modalidades, mas não merece a pena. São, tão-somente, imitadores do que poderia ser a atividade intelectual, e naturalmente serão muito mais que os poucos que resistem, e não se enfadam de, aos olhos do público, ficar no rol. É claro que a qualidade dos intelectuais de qualidade sobressairia aos olhos de um público de qualidade. Porém, não será que a esmagadora maioria dele não prefere, precisamente, os acicatamentos e as hipérboles dos imitadores?

Mas voltemos ao tratamento hábil e “líquido” das classificações nesta matéria. Se, por um lado, seria uma tentação só premiar a qualidade com a classificação de alguém como intelectual, para fazer jus a essa excelência, ao valor, etc., já, por outro lado, ficarão de fora os tantos e tantas que se esforçam em exercer essa função social, só que de excessivo empréstimo do fanatismo politicista, economicista, tecnologista, confessional, etc., e com estilo galhofeiro, caceteiro, enrolado, cryptico, etc.? Além de que por vezes pode haver mesmo penas venais. E não nos esqueçamos da clássica “Questão da Sebenta”, em que um catedrático de Direito resolveu enlamear o nome nada menos que de Camilo Castelo Branco. O qual lhe respondeu, dando lugar a uma bela polémica<sup>21</sup>.

Talvez se tenha mesmo que optar por umas vezes (deixando a decifração ao bom critério do leitor) falar em intelectuais *tout court* como sendo apenas os de qualidade (e ética, e deontologia), e ainda de intelectuais *tout court* como englobando também os de mais pequena dimensão, por dificuldades ou inabilidades de formação, de estilo, de temática, de filiação e transmissão ideológica, de imaginação, de competência em vários aspetos, ou até de deontologia.

Entre o bom e o mau intelectual há um abismo. E certamente passará pela cabeça do leitor, como passa pela nossa, que as críticas ideológicas aos intelectuais ganham um tudo-nada de razão se diante dos olhos tivermos os maus intelectuais. Esses sim, eventualmente poderão ter alguma componente parasitária. Vivemos tempos em que se evita muito avaliar a qualidades (desde logo, no plano do laxismo educativo – e por isso a cultura média das pessoas comuns desabou<sup>22</sup>), ao mesmo tempo que se proclamam e incensam ídolos. Como se irá destringer o trigo do joio?

Parece ser curioso e a merecer uma reflexão até sociopsicológica, o facto de que, certamente, se perguntados alguns dos que fazem funções de intelectuais nas nossas sociedades se o serão, decerto (por falsa modéstia, ou modéstia verdadeira, ou uma dessas razões obtusas que intelectuais confusos gostam de inventar para ninguém entender, mas muito admirar) negarão terem tal qualidade. O que serão então?

As respostas certamente serão variadas: uns optarão por soluções universalistas, muito gerais, como “Pessoa”, “cidadão do Mundo”, “observador interessado”. Outros (mas esses cada vez menos, porque as referências clássicas cada vez mais escasseiam) preferirão o “Ninguém” do romeiro do *Frei Luís de Sousa*, talvez com um sorriso, ou até uma pequena gargalhada a acompanhar.

Finalmente, é possível que outros ainda remetam apenas para funções profissionais que exerçam ou tenham exercido, as quais, em geral, gravitam em torno da docência, da pesquisa, do jornalismo, das artes, do espetáculo, etc. Há sempre casos curiosos, limite, ou de hibridação. Ou então que poderão ser apreciados *mutatis mutandis*. Por exemplo, afastando a qualificação (bem próxima de intelectual, mas apesar de tudo com melhor fama social hoje em dia) de “escritor”, Alain Baraton, cremos que com uma densidade de ambiguidade no discurso, afirmou: “Je ne me prends pas pour un écrivain, mais pour un jardinier qui écrit”<sup>23</sup>. Quem não se recorda,

---

<sup>21</sup> CASTELLO BRANCO, Camillo — *Notas á Sebenta do Dr. Avelino Cesar Callisto lente de Historia Ecclesiastica Portuguesa*, Porto, Na Livraria de Ernesto Chardron, 1883 (e mais oito opúsculos, s.e.o.).

<sup>22</sup> Muitos testemunhos se poderiam convocar. Veio-nos agora à mão, por acaso, um curto e claro texto já de 1965, que fala de “essa cultura media que la cultura oficial y universitária há despreciado y há abandonado culpablemente” – MONTANELLI, Indro — *Advertencia a Historia de la Edad Media*, de Indro Montanelli / Roberto Gervaso, trad. cast. de Francisco J. Alcántara, 8.ª reimp., Barcelona, Penguin, 2022, p. 11.

<sup>23</sup> *Apud* DE LA ROCHEFOUCAULD, Louis-Henri — *Alain Baraton. La fine fleur des jardiniers*, “Lire. Magazine Littéraire”, julho-agosto 2023, p. 38.

imediatamente, não tanto da fala de Cândido a Pangloss, no final do respetivo conto filosófico de Voltaire, mas do filme *Being There*<sup>24</sup>.

Digam-se ou não intelectuais, escritores, críticos, etc., sabemos reconhecê-los quando os vemos em alguma ação (ainda que somente opinativa, ou em pose narcisista para os fãs, por exemplo em entrevistas onde podem falar de tudo menos de pensamento próprio). E, naturalmente, também “spin doctors” e “opinion makers” acabam por fazer as vezes de intelectuais, se o não serão algumas vezes (com qualidade), ou até sempre (se para a categoria prescindirmos dessa especificação). Até que ponto um/a “influencer” poderá ser intelectual?

Quando começamos a ver o considerável número de pessoas que podem entrar na categoria, sobretudo se não se fizer uma triagem de qualidade, chega-se à curiosa conclusão de que o ataque difuso e o desprezo espalhado pelos intelectuais a todos chegaria, mas acaba por aparentemente ou superficialmente não os tocar, porque muitos sacodem desde logo o apodo do capote, não se considerando intelectuais. Assim, isso não seria com eles...

### VII. Algumas memórias

Se todas as grandes filosofias são de todos os tempos, como sublinhava, designadamente, Michel Villey<sup>25</sup>, também os grandes problemas atravessam as épocas. Embora possa haver questões contextuais, evidentemente, suscitadas por reptos do momento (por exemplo, determinados por certo estado da evolução material ou mental), em muitos casos é possível reduzir muitas problemáticas a expressões mais simples, bastante universais, que se vão repetindo, em variações de cor local.

A oposição que se pode ver protagonizada na Idade Média nascente (dita Baixa ou Alta, conforme os autores) por Boécio (480-524) e Cassiodoro (480-575) é para nós clássica e exemplar. Sempre haverá intelectuais do tipo de um e do tipo de outro. Noutro lugar sumariamos já essa simbólica dualidade<sup>26</sup>. Seguimos de perto um trecho dessa súplica: Boécio chegará a ser, em 522 e durante dois anos, uma espécie de ministro do Interior de Teodorico, em Ravena. Porém, pagará com a vida os limites que procurara traçar ao poder bárbaro. Já Cassiodoro opta por não afrontar o poder, até de algum modo segue o caminho de transigir, e claudicar, dir-se-ia que para poder escrever e velar pelo património adquirido, promovendo cópias e traduções dos clássicos. Ao contrário de uma “lenda negra” muito difundida ainda<sup>27</sup>, está

---

<sup>24</sup> *Bem-vindo, Mr. Chance*, com Peter Sellers (dir.: Hal Ashby, EUA/ex RFA, 1979).

<sup>25</sup> Sobre o autor, cf., mais recentemente, o nosso artigo *Michel Villey Essayiste*, em livro de recordação e homenagem póstuma, no prelo.

<sup>26</sup> Por último no nosso livro *Filosofia do Direito e do Estado*, 2.<sup>a</sup> ed., Belo Horizonte, Forum, 2021, pp. 137-138. Cf. ainda, sinteticamente, v.g., BANNIARD, Michel — *Genèse Culturelle de l'Europe*, Paris, Seuil, 1989, trad. port. de Alice Nicolau, *Géneses Cultural da Europa*, Lisboa, Terramar, 1995, pp. 140-149, em que um dos títulos é, significativamente: “Boécio: o último intelectual antigo”. A dado ponto se afirmando: “De facto, as suas opções estéticas e a sua atitude política fazem dele o último senador à moda antiga, apaixonado pela cultura e cioso da sua liberdade”. Mas dele poderíamos certamente também dizer, como o título de um filme sobre Tomás Moro, que é *a man for all seasons*. Cf. ainda as importantíssimas palavras sobre a pedagogia em Boécio de LAUAND, Luiz Jean (org.) — *Cultura e Educação na Idade Média*, São Paulo, Martins Fontes, pp. 3-5 e pp. 75-82.

<sup>27</sup> Uma das mais conhecidas iconoclastas, que procurou desfazer esse mito negativo foi, como é sabido, PERNOUD, Régine — *Lumière au Moyen Âge*, Paris, Grasset et Fasquelle, 1981, trad. port. de António Manuel de Almeida Gonçalves, *Luz sobre a Idade Média*, Mem Martins, Europa-América, s.d. (cf. alusão a tal mito logo na Introdução, p. 13 ss.). Outros o fariam também, com outras fontes, outros estilos, outros pressupostos, e alcançando outros públicos... De entre muitos, v.g., HEERS, Jacques — *Le Moyen Âge une imposture*, Paris, Tempus, 2008. E boa parte da obra de Jacques Le Goff. Não será supérfluo,

presentemente provado que a Idade Média preservou (a seu modo, e com os seus condicionalismos próprios) o legado clássico, como o atestam os estudos de E. R. Curtius<sup>28</sup>. Cassiodoro terá para isso dado um significativo contributo.

Ontem como hoje, são duas vias possíveis que aos intelectuais se abrem, e ambas confluentes e úteis. Cassiodoro só se recolheria ao convento aos 50 anos: foi prefeito do pretório e conselheiro (ou uma espécie de ministro da Educação) de Teodorico, *o Grande*, devendo-se-lhe, entre outros escritos, uma *Historia Ecclesiastica Tripartita*. Ministro, igualmente, Boécio foi, pela sua irreverência (e sempre pelas artes da eterna conspiração dos invejosos e medíocres), acusado de traição e morreu na sequência de tortura, depois de ter escrito, na prisão, a obra que o imortalizou, *Da Consolação da Filosofia*. Cassiodoro terá mesmo sido discípulo de Boécio, mas parece que lhe não foi fiel, não só não o apoiando no infortúnio, como ainda por cima tendo elaborado um panegírico do seu acusador.

A importância destes dois nomes é exatamente o seu exemplo para hoje. Do mesmo modo que Tomás Moro<sup>29</sup> será, mais tarde, um novo Boécio, hoje também se nos coloca o dilema de transigir ou opor-se, podendo, muito plausivelmente, perecer... Porque poderes mais altos se alevantam. Não apenas poderes institucionais (como é o caso em estados totalitários e mesmo “apenas” autoritários), mas também poderes fáticos, sociais, de grupos e movimentos...

### VIII. Reptos do Presente

A grande questão que atualmente se apresenta aos intelectuais, e a cada intelectual de per si, é simples, embora a resposta possa ser muito torturada. E angustiada a decisão para a ela se chegar.

O problema que hoje se coloca não está apenas entre dizer a verdade e pactuar com o poder, como foi na época de Boécio e Cassiodoro. Certamente que nesses tempos as mudanças avassaladoras de uma nova era, depois das invasões bárbaras, levaram um e outro, cada um a seu modo a retrações não apenas políticas. Decerto que uma nova forma de vida se instalou, e é sempre complicado mudar de hábitos, sobretudo se se passa de hábitos requintados do Império Romano, embora decadente, para uma outra coisa decorrente da sua queda...

Nos nossos dias, há também novos modos (desde logo uma indizível falta de educação de muitos... que se volve em regra, passando as pessoas educadas por marcianos...), e trata-se também de sobreviver quando não se respeitam bens e valores que se tinham como sagrados, ou quase, desde logo a dignidade da Pessoa. E nem se fala de situações-limite, de guerra, de invasão, de cataclismos, em que quebram os vernizes e vem à superfície a fera que há em nós, por vezes só muito superficialmente domada. Estamos a referir-nos ao quotidiano, ao trânsito, à vizinhança, às relações de trabalho, em muitos casos irrespiráveis, e frequentemente por falta de respeito, lisura, decoro. Por vezes, podendo solucionar-se conflitos de forma muito simples. Mas uma cortina de olvido baixou sobre modos ancestrais de resolver disputas. Desde logo, pela mediação e pelo diálogo naturais. Tivemos de inventar *ex novo* esses vetores, como se nunca tivessem existido. Um dos nossos grandes problemas é a amnésia. E isso é,

---

entretanto, notar que, simetricamente, se criou um mito da bondade e da felicidade do Renascimento, que também tem sido posto em causa, sobretudo nas suas versões mais aureoladas de fantasia. Cf., por todos, TALLON, Alain — *L'Europe et la Renaissance*, 3.<sup>a</sup> ed., 2.<sup>a</sup> tiragem, Paris, PUF, 2022, p. 3 ss.

<sup>28</sup> CURTIUS, E. R. — *La Littérature Européenne et le Moyen-Âge Latin*, trad. fr. de Jean Bréjoux, Préface de Alain Michel, Paris, P.U.F., 1956.

<sup>29</sup> Cf. *Idem, ibidem*, p. 187-198.

evidentemente, falta de transmissão oral de legado, nas famílias, e falta de estudo da História, na Escola, com o desinteresse olímpico da comunicação social, que se virou essencialmente para outras especialidades...

Ousemos colocar as coisas de forma um pouco forte e quiçá até provocatória, para alguns: o que constitui a grande questão atual para os intelectuais não é sequer a alternativa entre dizer *a verdade* (e “umas verdades”, umas “boas verdades”) e ser cancelado por isso, ou alinhar (de preferência com estrondo e fanatismo, para mostrar serviço) no coro folclórico e/ou inquisitorial de desfazer a velha civilização (não se sabendo o que de novo pudesse vir a surgir de tantos e tão irremediáveis escombros). Embora essa questão seja importantíssima para a sobrevivência geral de um *modus vivendi* e para a vida pessoal e pública de muitos, em particular, talvez esse contexto se deva equacionar em problemática de uma outra forma. Sem prejuízo, insistimos, de compreender bem que esse dilema seja o de muitos, sobretudo quantos são forçados a opinar diariamente, ou pelo menos diuturnamente, sobre o que se vai passando, e deles se espera que tomem partido nessa contenda multiforme e tentacular. O que tranquilamente pensávamos ser consensual deixou clamorosamente de o ser... É uma revolução no pensamento, e não só.

O que sentimos, nós que estamos felizmente eximidos a essa obrigação, e pessoalmente nem temos redes sociais que nos espicacem ou provoquem, é a oposição entre uma vida normal, corrente, por assim dizer “natural”, com a fruição do que ainda há de tão bom no mundo e construir como quem realmente “cultiva o seu jardim” e traz flores para a sociedade coletiva, por um lado, e, por outro, uma atitude bélica, polémica, em que o intelectual veste a cota de malha na luta previsivelmente sem fim contra a ideologia do mundo às avessas. A qual, como é óbvio, se ancora na máxima de António Aleixo: “Para a mentira ser segura / e atingir profundidade / tem de trazer à mistura / qualquer coisa de verdade”. Pelo menos alguns dos argumentos e propostas dessa vasta confluência de novidades avassaladoras que procuram destruir o nosso templo civilizacional em três dias inegavelmente se mascaram, acobertam e legitimam à sombra de qualquer coisa de verdade, embora o todo, a essência do que professam esteja a muitas milhas dela... Podemos concordar pontualmente com muitas críticas a mazelas, por vezes profundas, da nossa civilização<sup>30</sup> (desde logo aos modos de produção que foi conhecendo, e mais recentemente ao capitalismo desumano e formas políticas e ideológicas que engendrou, ou às derivas totalitárias de outras soluções e experiências – contudo raramente alvo destas novas críticas), mas nada disso significa que a metanarrativa que preside a essa nova ideologia tenha qualquer plausibilidade e se preveja que pudesse instaurar uma ordem de paz, de harmonia, de liberdade, igualdade e fraternidade, que são ainda valores que nem sequer conseguimos concretizar, e persistimos em pensar que não estão desatualizados; muito pelo contrário, continuam como grande programa para as gerações futuras. Já que as anteriores falharam na sua concretização ou sequer aproximação maior.

### IX.As Duas Vias

Trata-se, portanto, de optar por trabalhar no terreno da terceira função indo-europeia, no setor da produção, da fecundidade, da “sociedade civil”, ou no setor conjugado da primeira função (político-religiosa-mágica) e da segunda (guerreira).

---

<sup>30</sup> Na verdade, pertencemos a duas civilizações: como pano de fundo, a ocidental (cf., por exemplo, NEMO, Philippe — *Qu'est-de que l'Occident ?*, 5.ª tiragem – 2.ª ed., 2013 –, Paris, PUF, 2023); e hoje já somos partícipes de uma civilização universal do Direito democrático e dos Direitos Humanos.

Os intelectuais de mente clara e mãos limpas (recorde-se sempre o livro de Sartre<sup>31</sup>), têm de ponderar qual a sua vocação pessoal, pelo menos nos tempos atuais. Porque se admite que, noutros tempos, alguém sentisse, por exemplo, o chamamento de uma vida mais bucólica de afastamento, e, perante dos desafios atuais considere seu dever uma atitude mais ativa e combativa.

As vias, são, assim, essencialmente duas: 1) seguir para as frentes e empreender uma luta sem fim contra as ameaças à própria civilização (*as we know it*), à própria Razão, à própria Ciência, Arte, e Direito (desde logo, aos grandes Direitos, a começar pela liberdade de pensamento e de expressão, opinativa, artística, etc., ao direito à (des)crença, etc.); ou 2) procurar, na prática, ir mantendo viva a chama de uma existência normal, à sombra das muralhas entretanto erguidas e sempre reforçadas pelos primeiros (porque “as muralhas servem para alguma coisa se existe um exército que as defenda”<sup>32</sup>).

Este segundo grupo cultivará as artes, as letras, as ciências (sem complacências, sem claudicações, sem imitações e cedências para com as modas dissolventes), protegida pelo primeiro grupo, sempre vigilante, sempre pronto, como vanguarda combatente. Sempre preparada para sair a terreiro em defesa de algum dos do segundo grupo que, indefeso, desarmado, possa ser alvo da mira dos assediadores.

Sem a vanguarda combatente, desperta, vigilante, que não dorme nunca, seria impossível a tranquilidade da existência dos preservadores práticos de uma sociedade e de uma cultura de acordo com os altos valores que já atingimos, e que pretende aperfeiçoar-se dentro da linha traçada pela História: Egito, Jerusalém, Grécia e Roma, Cristandade, Renascença e Humanismo, Iluminismo, Liberalismo, Democracia, Estado Social... (para juntar paradigmas de diversa ordem, mas que cremos darem bem a noção de um progredir...). Não poderão os oásis do nosso legado subsistir sem defesa. Previsivelmente cada vez mais, porque alguns têm atacado sem defesa as bases da nossa vida coletiva, quer pela banda da anarquização, quer pela promessa de ordem de “mão dura” – gémeos só aparentemente inimigos, e sempre confluentes nos resultados, quando não mais que isso... Mas sem o exemplo desses oásis, por assim dizer “utópicos” *hoc sensu*, essa vanguarda defensiva não teria um modelo real por que se bater.

Porque é previsível que passem a capitular muitos e que a sociedade se transforme cada vez mais numa Babel artificial, anômica nuns aspetos e burocrático totalitária noutros. Ou seja, pode ser que as novas gerações, como já em boa medida as atuais, nunca tenham conhecido alguns verdadeiros benefícios da civilização.

Basta dizer que a escola não lhes abriu maravilhosas janelas como a do conhecimento da grande literatura, e mesmo de algumas línguas. É deprimente como hoje a única língua que ainda se vai arranhando é o Inglês, numa versão de língua franca, para turista... O que significa que há universos de cultura e sensibilidade que ficam vedados (as traduções não são a mesma coisa: nem as há para a esmagadora maioria das produções) a muitos. Acrescente-se ainda que nada substitui, na televisão portuguesa, os programas de David Mourão Ferreira, de Literatura, Hermano Saraiva, de História e Geografia, de Vitorino Nemésio, de cultura em geral, de António Victorino de Almeida, de Música, de António Manuel Baptista, de Ciência, e outros. E mais tarde as *conversas vadias* de Agostinho da Silva. Essa era uma verdadeira universidade popular, que não vemos ter continuidade. Certamente porque o modelo, ainda que subconsciente, de formação pública não é esse, não é nada esse...

---

<sup>31</sup> SARTRE, Jean-Paul — *Les mains sales*, trad. port. de António Coimbra Martins, *As Mãos Sujas*, Lisboa, Europa-América, 1972.

<sup>32</sup> MONTANELLI, Indro / GERVASO, Roberto — *Op. cit.*, p. 15.

Essa “retaguarda” de paz, de tranquilidade, de construção, funcionará como motivo de confirmação das suas convicções e de entusiasmo para os defensores e polemistas, mais virados para a confusão das lutas da ágora. Sem ela, como exemplo, farol vivo, sempre os mais cétricos (e a propaganda da outra banda) poderiam alegar que se combateria não contra, mas em prol de meros moinhos de vento, por algo de fátuo, vão, ilusório ou irremediavelmente morto.

Se virmos a situação com distanciamento, estaremos perante uma nova versão, modificada, da alternativa clássica entre vida ativa e vida contemplativa, que teve observações interessantíssimas, desde Aristóteles a Hannah Arendt<sup>33</sup>, por exemplo. Só que aqui e agora, sem prejuízo de alguma “contemplação” (diga-se, trabalho intelectual) para os mais combativos (aliás impossível sê-lo sem tal dimensão), também se torna óbvio que ninguém é apenas e sem mais “contemplativo” ou intelectual. Todos são ativos, só que em especialidades diferentes.

Com todo este contexto, do que aqui dizemos e do que estará a tal pressuposto, parece irresistível uma comparação, *mutatis mutandis*, com os tempos medievais, e com as soluções então encontradas<sup>34</sup> para preservar precisamente o fogo civilizatório então, contra a maré alta, que tudo varria, da barbárie (apesar de ter de matizar-se esta imagem, como é sabido). Cada um saberá encontrar os paralelos adequados e tirar as lições devidas de comparações com essas soluções. Impressiona uma comparação possível: enquanto na Idade Média o grande problema fundador, por assim dizer, foi o da rutura bárbara, ou seja, uma subversão que levou ao poder e à decisão social povos menos letrados que os que governavam o Império Romano, o que ocorre hoje é uma mescla: os novos bárbaros tanto são massas incultas, mas numa “barbárie civilizada”<sup>35</sup>, servos da televisão e da sociedade de consumo, como uma barbárie letrada, que de algum modo as procura seduzir e comandar, como sua “vanguarda”. Felizmente, a barbárie letrada encontra-se dividida em mil e uma capelinhas de ódios e vaidades. Mas, mesmo assim, consegue produzir muitos estragos... O que seria se se unisse num programa único de destruição da Civilização Ocidental?

### X. Obstáculos

Pode ser que a vida normal seja por demais “protegida” e, nessa medida, com traços de irrealidade. É quase inveja o que sentimos ao ver tantas pessoas, que não comeram do pomo da intelectualidade, desenvolver as suas vidas tranquilas, com seus dramas correntes, mas sem angústias da alma. Em certa medida, há uma nostalgia dessa inocência, e uma reconstrução do pensamento tem de ter em atenção que há por vezes muito mais felicidade em não complicar. O intelectual novo, para o presente e para o futuro, não desdenha das pessoas normais (sobretudo as não contaminadas pelas modernices e pelo consumismo) e sabe encontrar na sua cultura natural fontes para revigorar o seu trabalho. Ser intelectual não é ser um complicador profissional nem um pessimista sempre do contra, animado pelas velhas, mas sempre renascidas, ideologias da suspeita.

Mas não há irrealidade em procurar a normalidade. Não se trata de preconizar uma ingenuidade sempre ludibriável, mas placidez e lucidez.

---

<sup>33</sup> *A vita activa*, de Arendt, sobretudo no seu *A Condição Humana*, viria a dar título a um filme sobre a autora: *Vida Ativa – O Espírito de Hannah Arendt*, de Ada Ushpiz, 2015.

<sup>34</sup> Cf., v.g., DUBY, Georges — *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*, trad. port. de Maria Helena Costa Dinis, Lisboa, Estampa, 1982.

<sup>35</sup> OTTONELLO, Pier-Paolo — *La Barbarie Civilizzata*, Génova, Edizioni dell'Arcipelago, 1993.

Por outro lado, pode ser que a vida combatente seja agónica em excesso e esqueça (faça esquecer) muitas componentes essenciais da vida normal das pessoas em sociedades normais. Recusamos que se hipostasie a luta como característica essencial da vida. É certo que é necessário esforço, afirmação, trabalho, e num e noutro caso oposição, mas o natural (pelo menos o natural num sentido também ético – da mesma forma que se fala em Direito Natural) não é o consumir da pessoa no combate permanente. Tal, evidentemente não significa que não seja necessário que todos estejam preparados para embates e disputas. E por isso é necessário preparar a guerra se se quer a paz (como no clássico adágio romano *si vis pacem para bellum*). E, evidentemente, uma coisa é um povo em armas (situação que deveria ser excecional), e outra coisa é a existência de um corpo especializado que cuide da defesa, e saiba treinar e enquadrar o povo, se se vier a tratar de uma guerra total.

Vida de normalidade criativa e construtiva e vida de defesa dos valores da nossa cultura e civilização são ambas, afinal, duas formas de normalizar *hoc sensu*, de tornar normal, o que será em si uma situação excecional – a ameaça crescente e quase sem oposição de posições e situações que, em situação normal, relevariam do absurdo, muitas vezes, tal a sua similitude com a caricatura e o mundo de pernas para o ar. Porém, a falta de formação, o complexo de modernidade e outros afins, o oportunismo, o laxismo, a falta de visão, o eleitoralismo rasteiro, a falta até de exercício da autoridade democrática em alguns Estados, pelo menos em certos aspetos, tudo junto, leva a que fantasmas de passados de má memória consigam apresentar-se como soluções de futuro e cativem jovens e até pessoas mais velhas, necessariamente muito desmemoriadas, a par de novidades rocambolescas (dir-se-ia por vezes meramente fruto de especulações de simetria com o real, jogos de espelhos deformadores de *luna parque*), que com elas contracenam, num quase circo de horrores.

Podemos colocar a questão em termos mais jurídicos, com a ameaça a valores, princípios e direitos constitucionais, que tem de ser obviamente acautelada, se queremos que continue o nosso Estado de direito democrático. Em vários países. Há, assim, necessidade de contrariar o que põe em risco as grandes, as profundas razões da nossa existência coletiva como democracias pluralistas e estados sociais, na nossa civilização universal, porque a nossa civilização é hoje a civilização do Direito e dos Direitos Humanos universais, como bem pôs em relevo Yadh Ben Achour<sup>36</sup>.

## XI. Alternativas e Esperanças

As alternativas seriam duas:

1) ou todos baixariam as guardas, e vivendo vidas normais não resistentes a breve trecho seriam assimilados ou exterminados pela subversão de valores democráticos, da cultura e do nosso *modus vivendi* (a que poderíamos chamar direitos de tradição também, como o fez Francisco Puy<sup>37</sup>);

2) ou todos se alistariam (ainda que mítica e metaforicamente falemos, como é óbvio) nas hostes da vanguarda combatente, necessariamente com as exigências da luta esquecendo cumes civilizacionais que só se podem manter e cultivar em paz – desde logo paz interior, paz de espírito. Pode ser que a sentinela a possua, mas também pode ocorrer que a vigília seja inimiga da serenidade em muitos casos. O que

---

<sup>36</sup> BEN ACHOUR, Yadh / FERREIRA DA CUNHA, Paulo – *Pour une cour constitutionnelle internationale*. A Causa das Regras, Oeiras, 2017, máx. p. 20 ss.

<sup>37</sup> PUY, Francisco — *Derechos Humanos*, Santiago de Compostela, Imprenta Paredes, 3 vols., 1985.



não quer dizer que, pelo preço dessa paz, se prescindia da vigilância. Mas que se tem de admitir essa possível perda como efeito colateral, uma prévia perda em combate, mesmo antes que seja travado.

De uma forma ou de outra, com estas atitudes exageradas e sobretudo unilaterais, os ataques à nossa civilização e ao nosso Direito, que é um dos seus esteios, saíam triunfantes. Apenas a divisão das forças, pela aplicação racional e inteligente das competências e vocações em diferentes formas de ação e pensamento, poderá fazer frente a tão criativas e pulverizadas ameaças, para mais sempre capitalizando as inegáveis debilidades das nossas Repúblicas, demasiadamente autoconfiantes, satisfeitas de si mesmas.

Poderão alguns mais maximalistas considerar que uma só destas vias será mais útil ou mais nobre que a outra. Pela maior coragem à primeira vista requerida pela intelectualidade militante, com óbvia analogia com a heroicidade militar, certamente muitos se entusiasmarão mais com essa dimensão. Compreende-se tal entusiasmo, mas crê-se que deva, porém, matizar-se.

O desempenho quotidiano da “vida intelectual normal” não deixa de comportar os seus rasgos de heroicidade, de sacrifício, quiçá de martírio até. Certamente menos relatáveis pela gesta dos feitos sempre mais ou menos decalcada nas grandes epopeias bélicas, claro. Mas com grandeza, e com enormíssima importância prática. A cidadela fortificada não vive das ameias, vive do que elas cercam e defendem. Aí está a sua alma.

Trata-se, no fundo, de com o prudente “destacar-se”, isolar-se, ou esquecer-se (até ao possível e legítimo) do circunstancialismo envolvente – que a muitos dos melhores esgota, desde logo pela excitação da sensibilidade e escândalo da mente – ser capaz de se afirmar, na vivência, no estudo, no exercício das tarefas de cultura, de ciência, de ensino... e tantas outras, como se (*als ob*<sup>38</sup>) o mundo sempre tivesse permanecido na sua rota e no seu eixo. Uma dimensão importantíssima desta posição possível e respeitável do intelectual, hoje, é o seu reencontro com a sua humanidade, sem a caricatura de um discurso verbalista e incompreensível, problemas mais ou menos estéreis, uma atitude sobranceira e, afinal, uma vida triste e desesperançada.

Há, pelo contrário, muita vida e muita esperança numa atitude intelectual dedicada ao serviço de uma sociedade normal, herdeira do que temos sido, capaz de ser crítica e de progredir dentro, desde logo, dos objetivos constitucionalmente recebidos – que são grandes fins sociais comumente aceites ainda. Mas que podem vir a mudar, é certo, se a propaganda antidemocrática e extremista pretensamente democrática apenas, mas na verdade totalitária, se conseguirem impor, ou uma, ou outra ou (mais ou menos paradoxalmente) as duas.

Há, pois, igual valor nas duas atitudes, e nesta segunda, dentro do coração da Cidade, exigir-se-á ainda decerto acrescida imaginação e subtileza. Para que seja capaz de transcender as vivências apagadas e tantas vezes maculadas da nossa realidade concreta de sociedades democráticas crepusculares, tão longe da República dos sonhos, de que falava Álvaro Ribeiro, em que, como dizia Leonardo Coimbra (este discursava, contudo, em 1933, ano da Constituição do Estado Novo), os códigos da justiça por vezes “só têm letras e não Justiça”.

Ser capazes de transcender, na prática, a vivência normal, numa sociedade em que triunfe o Direito justo, democrática, social e de cultura, ensaiando para cada um a concretização do geral direito à felicidade, tal é o desafio principal dos que ficarão na retaguarda – na verdade, uma outra frente, uma outra vanguarda.

---

<sup>38</sup> VAIHINGER, Hans — *Die Philosophie des Als Ob*, 5.<sup>a</sup> ed., Leipzig Félix Meiner, 1920.

Alguns já se resignam ao pós-humano, em que a máquina (ou quem a programe, na verdade) ditaria toda a vida e opções das Pessoas. A inevitabilidade é uma mania no pensamento mediático dominante, desde a TINA – “there is no alternative” neoliberal, que obviamente não era inevitável, como se viu e continua a ver... Os intelectuais a sério obviamente não se revêm no discurso infantil, “escolar”, não imaginativo das soluções de tanta Inteligência Artificial que é a grande moda por aí<sup>39</sup>. E sabem que é preciso paixão, sangue e nervos, e o toque das musas, para se poder realmente criar, e mesmo elaborar uma tese minimamente humana.

Claro que muitos nem isto entenderão. De qualquer forma, mesmo quando no “faz de conta” educativo<sup>40</sup> as teses e dissertações forem todas elaboradas por qualquer “chat” robótico, haverá resistentes que continuarão a escrever pela própria cabeça e não a copiar a “moda” estatística... A qual é hoje uma, mas amanhã poderá vir a ser o horror da *opinio communis* das redes sociais. Há muito a desmistificar, muito a resistir... E muito, de novo, de diferente, de muito melhor, a criar. Seja no seu jardim, seja na ágora pública<sup>41</sup>.

Recebido para publicação em 17-07-23; aceito em 21-07-23

---

<sup>39</sup> ROSE, Stéphane — *Mes nuits avec une intelligence artificielle. Entretiens avec ChatGPT*, Le Cherche Midi, 2023.

<sup>40</sup> WERNECK, Hamilton — *Se Você finge que ensina, eu finjo que aprendo*, 26.<sup>a</sup> ed. port., Petrópolis, Vozes, 2009.

<sup>41</sup> SALDANHA, Nelson — *O Jardim e a Praça*, São Paulo, Edusp, 1993.